



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Entre Moralidades e Controvérsias: Produções de Sentido em torno da Manchete sobre Adesão à PrEP por Homossexuais na Revista *Época*¹

Guilherme Libardi²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

Este estudo tem como objetivo identificar as produções de sentido efetivadas no *Facebook* em torno da capa da revista *Época* que trata sobre a PrEP e o impacto deste medicamento no comportamento sexual do público gay. Parto de uma compreensão foucaultiana sobre as relações entre sexualidade, saber e poder. Metodologicamente, realizo a coleta dos comentários (432) na postagem da revista na qual a capa é divulgada. Analiso os dados à luz do CDMA a partir de nuvens de palavras e de uma árvore de significados geradas no *software NVivo*. Identifico que os comentários fazem críticas à mensagem e à *Época*, culpando-as por reproduzir um estigma histórico. Esta crítica se estende às práticas de produção midiáticas do jornalismo, considerando que a credibilidade da atividade está em crise. Amparo estas interpretações em Foucault (2017), Martín-Barbero (2001) e Hall (2003). Por fim, teço breves questionamentos sobre as disputas que se estabelecem entre sociedade e discursos midiáticos totalizantes.

Palavras-chave: PrEP; sexualidade; *Época*; produção de sentido; *Facebook*

Introdução: preâmbulo sobre as relações entre uma ciência da sexualidade e poder

Ao recorrermos ao primeiro volume de *A história da sexualidade* em Foucault (2017), observamos a narrativa de uma genealogia da história do homem desde o século XVII e uma tentativa bem-sucedida de discutir sobre a constituição e circulação do poder nas sociedades modernas a partir da colocação do sexo em discurso. A este fenômeno, o autor caracteriza como um processo de implementação de um dispositivo da sexualidade: são práticas que emanam de múltiplos agentes e que institucionalizam verdades universais a respeito do sexo, configurando-se como uma modalidade de poder, reverberando nas diversas instâncias do mundo social e particular. Dentre os âmbitos nos quais o dispositivo da sexualidade é constituído, está o da medicina.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 02 – Comunicação, Consumo e Identidade, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Bacharel em Publicidade e Propaganda (ESPM-Sul), Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS/PPGCOM) e Doutorando em Comunicação e Informação na mesma instituição. Bolsista CAPES. Vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Cultura e Recepção Midiática, coordenado pela Prof^a Dr^a Nilda Jacks. E-mail: gblibardi@gmail.com



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Durante a primeira metade do século XX, o Brasil passava por uma severa epidemia de sífilis. Como medida de prevenção, forjou-se um esforço médico-político da elaboração de uma estratégia de luta antivenérea. Para Carrara (1996, p.293), esta “luta” pode ser considerada uma dimensão fundamental de um dispositivo da sexualidade à época, no contexto brasileiro: “Através dele, ter-se-ia podido compelir muito mais eficazmente os indivíduos a seguirem as novas prescrições higiênicas, disciplinando-os sexualmente”. Para além do caso da sífilis, outros eventos contribuíram para a que a medicina articulasse uma regulação sobre os usos dos corpos individuais a partir de um discurso do medo e da culpa, como a pílula do dia seguinte, a questão sobre o aborto, entre outros. Tais saberes, no entanto, nunca se deram de modo isolado. Demais instituições da sociedade, como a Igreja e o Estado, impregnaram uma ciência moderna sobre os corpos com juízos de valor, visões de mundo e moralidades que dizem respeito a interesses e ideologias específicas. Desse modo, um saber científico (dito) “neutro” sobre o sexo, sobre os corpos e sobre os prazeres foi forjado no seio da sociedade moderna como veículo de poder a partir do controle e da vigilância sobre mulheres e homens. Portanto, um saber-poder (FOUCAULT, 2017). Neste artigo visualizaremos de que modo a mídia, hoje, pode funcionar igualmente como uma instituição que funciona a partir das lógicas de um dispositivo da sexualidade.

Recentemente, a biomedicina produziu um “novo saber” que diz respeito à vida sexual dos indivíduos (ou, como veremos, de uma parcela limitada deles, considerados “grupos de risco”). Com o recente surgimento da PrEP e sua popularização, os tipos saberes produzidos acerca dos corpos a partir do medicamento não foram diferentes. PrEP é a sigla que corresponde ao termo Profilaxia Pré-Exposição, uma estratégia de prevenção contra a contaminação do vírus HIV. Trata-se de um comprimido antirretroviral que deve ser ingerido diariamente por pessoas não-infectadas com o objetivo de reduzir o risco de aquisição do vírus em relações sexuais. A eficácia do tratamento pode chegar a 99% se consumido regularmente. Após uma semana ingerindo a pílula uma vez por dia, o medicamento atingiria o pico do seu efeito (PrEP BRASIL, 2018). Os Estados Unidos foram o primeiro país a aderir à PrEP no ano de 2012. Em 2014, a Organização Mundial da Saúde publicou um documento com diretrizes para a prevenção do HIV (WHO, 2014). Neste relatório, foi incluído, pela primeira vez, a PrEP como medida eficaz no combate à infecção do vírus. No Brasil, o medicamento está disponível pelo SUS em 22 cidades desde dezembro de 2017 somente para os considerados



“grupos de risco”: homens que fazem sexo com outros homens, travestis e transexuais, profissionais do sexo e casais sorodiscordantes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Apesar de sua implementação ter ocorrido recentemente, alguns veículos de comunicação já se debruçavam sobre o assunto, fosse a partir de experiências em outros países, ou de boatos sobre a sua implementação no Brasil a partir da rede pública³. A partir de uma etnografia documental, Ferrari (2016) explora matérias em veículos nacionais e internacionais que tentam tornar inteligível para a população do que se trata este novo medicamento. O autor as classifica essas matérias como “rumores”: “[...] atribuo o título de rumor por lidarem com algo que se parece mais com uma promessa de futuro do que com uma intervenção biomédica que efetivamente esteja presente no cotidiano das pessoas” (FERRARI, 2016, p.11). Um dos pontos que chama atenção no levantamento do autor é, portanto, a manifestação de moralidades sobre algo que diz respeito a uma intervenção biomédica que tem como objetivo primário, justamente, ampliar os cuidados de si. Uma das matérias coletadas por Ferrari é uma coluna de Reinaldo Azevedo publicada no site da revista *Veja*. Nela, o jornalista afirma:

Caso esse remédio se popularize — e já há quem tome coquetéis do dia seguinte⁴... —, vocês acham que haverá uma elevação ou uma diminuição no número de contágios? O senso comum tenderá a responder: “Diminuição, já que, como a gente vê na pesquisa, o número de contaminados é bem maior entre os que não tomaram o remédio”. A resposta lógica: haverá uma elevação, porque o aumento das “garantias” estimulará quem não fazia habitualmente sexo de risco a fazê-lo. Pílula não substitui a escolha moral: “Devo ou não correr riscos?” (Azevedo, 2010 *apud* Ferrari, 2016, p.19).

Levando em conta os aspectos morais que rodeiam os “rumores” sobre a PrEP na imprensa brasileira que já foram constatados por Ferrari (2016), este estudo pretende, a partir da capa da revista *Época* em que o veículo dá destaque ao novo medicamento, em sua postagem no *Facebook*, explorar o que o âmbito da recepção tem a dizer sobre o que fora comunicado pelo veículo. A partir da postagem da capa da revista *Época*, portanto, tenho como objetivo analisar as produções de sentido que se manifestaram, na forma de comentários no *Facebook*, a partir da postagem que a *Época* fez da capa da revista na qual dá visibilidade ao medicamento. Estas questões foram interpretadas no contexto dos Estudos Culturais, a partir de Martín-Barbero (2001) e Stuart Hall (2003); em diálogo com o campo

³ O medicamento pode ser comprado pela *internet* ou em farmácias privadas desde 2012. O seu valor pode chegar até cerca de R\$2.600,00 (um frasco para um mês).

⁴ Azevedo está se referindo à PEP, medicamento de emergência que pode ser ingerido até 72h posteriormente ao risco de um possível contato com o vírus HIV, com a capacidade de “anulá-lo”.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

dos estudos de gênero e sexualidade dialogando com Foucault (2017). Estas escolhas teóricas foram construídas *a posteriori*, a partir do que emergiu dos comentários.

Procedimentos metodológicos

O *corpus* deste estudo diz respeito aos comentários que emergiram na postagem da *Época* em que é divulgada a edição que dá destaque à PrEP. Embora o objetivo não seja realizar uma discussão sobre representação ou sobre discurso no jornalismo, considero que seja relevante tecer uma breve apresentação sobre o seu conteúdo, com os fins de apresentá-lo. É o que será visto no capítulo seguinte. Após, para a análise dos comentários que emergiram a partir deste conteúdo, utilizei o método de análise denominado *computer-mediated discourse* (CDMA). Ele consiste na análise de manifestações *online* geradas por indivíduos (como comentários, postagens, etc.) a partir de observações textuais, sendo útil na identificação de padrões e interpretação dos sentidos (HERRING, 2004). A fim de sistematizar a coleta dos comentários, utilizei uma extensão do *software Nvivo*⁵ (*NCapture for NVivo*), que codifica todos os comentários da postagem para serem analisados dentro do *software*. Nele, é possível realizar diversas leituras do material coletado. Busquei organizar e analisar este material a partir de representações gráficas, como nuvens de palavras e árvores de significados, que serão apresentadas ao longo das análises. Ao todo, somaram-se 432 comentários coletados entre os dias 02 e 09 de abril. Por motivos de ética, tornei a identidade das pessoas que comentaram inelegrável, as quais me refiro como “comentadores”. Contextualizados os procedimentos, sigo para uma breve descrição da capa da revista que fomentou os posteriores comentários.

A capa da revista: o que há por trás de uma pílula?

A *Época* é uma revista semanal, de circulação em todo o território nacional, pertencente à editora *Globo*. Em último levantamento realizado pela *Associação Nacional dos Editores de Revistas* (2014), ela consta como a segunda mais vendida do país, ficando atrás apenas da revista *Veja*, da editora *Abril*. Em 02 de abril de 2018, a *Época* lançou nas bancas a sua edição nº 1031, noticiando sobre o surgimento da PrEP:

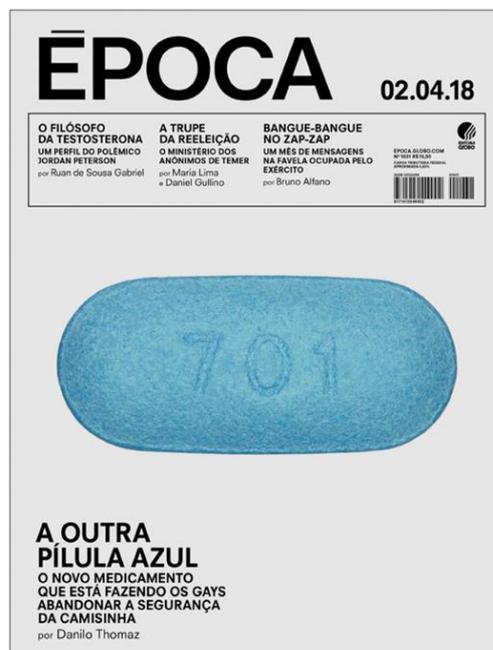
⁵ *Software* de organização e análise de dados qualitativos como textos e imagens.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Figura 1 – Capa da revista Época, ed. nº 1031



Fonte: Facebook da revista Época

Na capa desta edição, é possível identificar que a representação gráfica do comprimido azul a ser consumido diariamente pelos adeptos da PrEP encontra-se em local de destaque. O medicamento, centralizado na capa, é inserido “friamente”, em fundo branco chapado, sem quaisquer outros elementos gráficos. Se a imagem parece “neutra”, logo abaixo vemos o tom opinativo da revista sobre o medicamento: “A outra pílula azul. O novo medicamento que está fazendo os gays abandonar a segurança da camisinha”. A manchete da capa faz uma clara referência à pílula azul conhecida como *Viagra*⁶.

Na manchete e nas nove páginas que constituem a matéria, é possível constatar uma explosão de premissas referentes ao comportamento de homossexuais, com total enfoque aos homens gays. Logo de início, a fim de introduzir a matéria, verificamos a descrição minuciosa de uma festa em São Paulo com *dark room*⁷. Em seguida, contextualiza, com base em números, o aumento de casos de jovens infectados pelo vírus HIV, finalizando esta parte com a seguinte conclusão: “[...] na prevenção, o país falhou”. Aqui, já deixo o questionamento: se falhou, a PrEP não deveria ser considerada uma alternativa? A questão, no entanto, não parece ser essa. Conforme sugerido por Ferrari (2016, p. 29),

⁶ Medicamento usado no tratamento da disfunção erétil masculina.

⁷ Espaços reservados em algumas casas noturnas para prática de atos sexuais.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

“a ideia de sexo seguro parece escapar de um discurso sobre a centralidade do uso do preservativo, adentrando em outras lógicas e estratégias na vivência da sexualidade”.

No decorrer da matéria, são apresentados três jovens gays que fazem uso da PrEP: Yuri Buzo, 21 anos, tem relacionamento aberto, usa camisinha com o namorado e com demais rapazes. Felipe Lopes Ferreira, 23 anos, considera não usar camisinha em dois casos: com quem oferece segurança ou com quem também é adepto à PrEP. Matheus Lamego, 22 anos, está em um relacionamento aberto e afirma que só faz sexo sem camisinha com o namorado. Com os demais, apenas se estiverem em PrEP. Os três entrevistados afirmam sentirem-se mais confortáveis e seguros desde que passaram a aderir ao tratamento. Yuri comenta: “Eu transava com alguém e, mesmo que eu tivesse usado camisinha, queria fazer o exame de HIV [...]. Quando comecei a tomar a PrEP, minhas noias passaram. Consegui voltar a fazer sexo normal, mesmo com camisinha” (ÉPOCA, 2017, p. 37).

Nas demais páginas, Danilo Thomaz, jornalista responsável pela redação da matéria, fornece dados estatísticos que ilustram justamente a eficácia deste método, bem como apresenta exemplo de outros países que vêm adotando políticas de distribuição da pílula: França, Bélgica, Noruega, África do Sul, Quênia, entre outros. Apesar destes dados que, aos olhos de algumas pessoas atentas, seria o suficiente para afirmar que a PrEP é um método preventivo eficaz no combate ao HIV, em nenhum momento a revista se posiciona nesse tom. Pelo contrário, conforme vemos ao retornar à capa da mesma. Entre um e outro parágrafo de caráter mais “cientificista”, notamos faíscas de fetiche em relação às descrições fantasiosas do “universo gay” e de suas práticas sexuais. Além da narrativa introdutória sobre o *dark room*, também é descrita algumas práticas de homens gays em aplicativos de relacionamento, inclusive inserindo quatro *screenshots* que demonstram didaticamente como estes *apps* funcionam. Ou seja, em algumas ocasiões, parece que o tema da PrEP funciona como pretexto para fornecer informações de um pedaço de um “submundo” estranho aos seus leitores. A revista ainda comete sérios equívocos ao trazer informações erradas. Como exemplo, chamam o medicamento de profilaxia pós-exposição de PrEP (pré-exposição), ao invés de PEP.

Ainda que a problemática central deste artigo não esteja na matéria em si, considere relevante apontar, ainda que de forma sintética, o que foi dito sobre a PrEP e seus usuários no texto jornalístico. A seguir, me debruço ao objeto principal deste estudo: os comentários que emergiram a partir da postagem da capa da revista no *Facebook* da revista.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Descrição e análise dos comentários

A capa da revista apresentada no capítulo anterior, ao ser publicada, gerou uma série de repercussões no ambiente *online*. Um dos médicos entrevistados, Rico Vasconcelos, que também é coordenador do projeto *PrEP Brasil*, postou em sua *timeline* um texto intitulado: “Eu me arrependi de ter dado entrevista para a revista *Época*”, explicando as distorções que o veículo realizou em relação às informações sobre a PrEP que ele mesmo fornecera, bem como criticando o tom de estigma com que a matéria se referiu aos homossexuais. Também no *Facebook*, o *Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids* de São Paulo publicou uma nota conjunta com outras instituições, como a faculdade de medicina da USP, repudiando o teor da matéria:

A reportagem vai em direção oposta aos esforços da luta contra a epidemia de HIV/Aids. Contribui para aumentar a marginalização de gays e bissexuais e, conseqüentemente, aumentar sua vulnerabilidade ao HIV. Ao disseminar estigma sobre o usuário de PrEP, impõe mais uma barreira aos possíveis beneficiários do método (CRT DST/AIDS SP, 2018).

As indignações não se mantiveram somente na ordem mais institucional ou na figura de médicos formadores de opinião. Pessoas comuns e anônimas também se manifestaram. Portanto, me detenho agora nos 432 comentários desses sujeitos. Eles foram publicados na postagem da revista no *Facebook* em que a capa apresentada anteriormente é divulgada. A partir desta coleta, foi possível articular análises com base nos termos semânticos que mais se repetiram, bem como verificar a quais outros elementos eles estavam relacionados. Começo esta exploração identificando as 50 palavras que mais foram digitadas nestes comentários⁸:

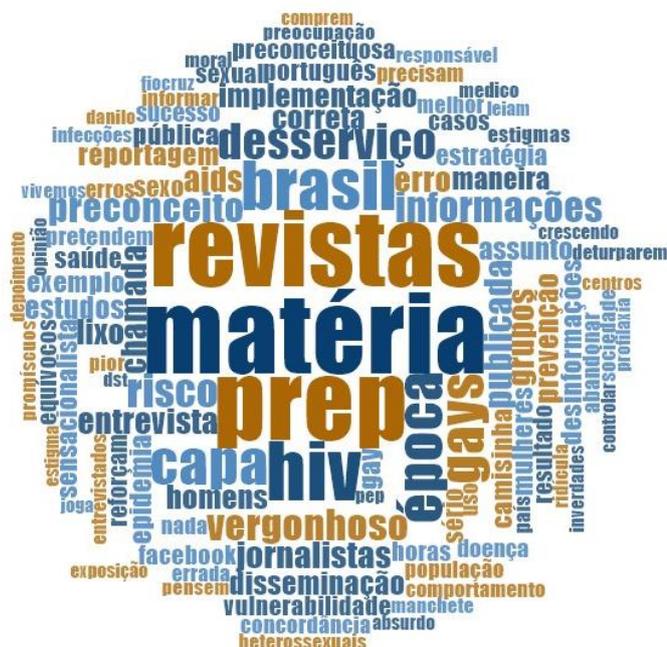
⁸ Suprimi da contagem palavras sem valor de sentido, como conjunções e preposições.



COMUNICON 2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Figura 2 – Nuvem de palavras, termos mais recorrentes



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos comentários

A palavra mais repetida foi “matéria”, junto de “revistas” e “prep”. Esta questão isolada sinaliza que os comentários diziam respeito majoritariamente ao tema observado em destaque na capa da revista, ainda que também houvesse a divulgação de três outras matérias na parte superior, conforme Figura 1. A partir de outros termos que se repetiram com certo destaque, como “lixo”, “preconceito”, “erro”, “vergonhoso”, “absurdo” e “desserviço”, é possível verificar o que seria o posicionamento da maioria dos usuários que se manifestaram através da árvore de significados⁹. A partir destes adjetivos, avalio que a discordância em relação ao teor da capa da revista no que diz respeito à relação entre PrEP e homossexuais foi taxativamente condenada. Interessante notar que a crítica não se esgota no conteúdo da capa, expandindo para um descrédito em relação à profissão do jornalista.

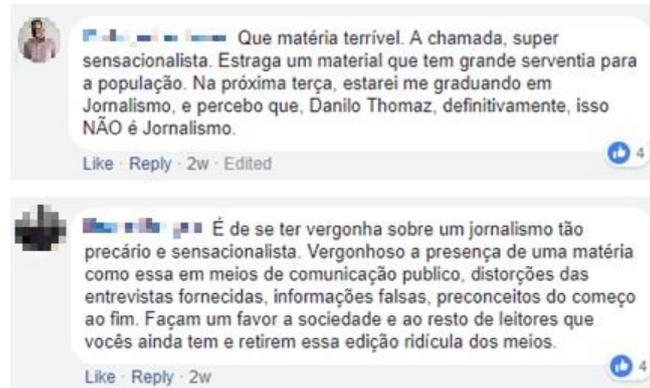
⁹ Optei por não inserir esta árvore como figura por motivos de economia de espaço.



COMUNICON 2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Figura 3 – Comentários 1



Fonte: Facebook

Outros termos que chamam atenção na nuvem de palavras (Figura 2) são “hiv” e “gays”. Levando em consideração esta constatação e o destaque que a matéria dava, na capa, a um suposto comportamento sexual inadequado por parte da comunidade gay, decidi explorar as relações que se estabeleciam a partir do termo “gays”, também um dos mais citados no levantamento geral. Assim, foram considerados somente os comentários em que o termo “gay” ou “gays” apareciam, sendo possível verificar quais as associações orbitavam o termo:

Figura 4 – Nuvem de palavras, termos mais recorrentes vinculados à palavra “gays”



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos comentários



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Os comentários que continham a palavra “gay”/”gays” acompanhavam termos como “reforçam”, “preconceitos”, “estigmas”, “moral” e “promíscuos”. Abaixo, alguns destes comentários:

Figura 5 – Comentários 2



Fonte: Facebook

É possível notar que existe uma grande diversidade de comentários que localiza o argumento a partir de uma crítica à utilidade de uma revista como a *Época*: informar. Na visão dos comentadores, o veículo não estaria cumprindo com o seu fim. Esta elaboração se dá baseado em percepções distorcidas em dois vetores: sobre o que é e para que serve a PrEP; e ao redor de uma identidade gay marcada pela irresponsabilidade, promiscuidade e à incapacidade de não-controle dos “instintos sexuais”. A questão da irresponsabilidade é claramente exposta na manchete, enquanto os outros dois fatores estão mais explícitos no decorrer da matéria. Podemos verificar melhor algumas associações ao visualizarmos a árvore de significados, representação que organiza aquilo que vem antes e depois do termo-chave considerado:



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Indo além das produções de sentido: reivindicando identidades no âmbito midiático

A partir da quantidade e da qualidade dos comentários apresentados, identifico que a capa da revista *Época*, ao circular na página do *Facebook* do próprio veículo, fez movimentar uma discussão de cunho político e social em torno das associações estigmatizantes que se constroem em um discurso sobre HIV e homossexuais. Estes discursos, por sua vez, se deram apoiados em uma narrativa “protocientífica” apoiada na biologia. Ou seja, em uma premissa que simplifica e reduz a complexidade de um problema social – a questão da relação entre homossexuais e o HIV – como uma consequência da biomedicina. Foram necessárias algumas poucas palavras tendenciosas digitadas na capa de uma revista para que isso fosse notado, e que um grande número de pessoas se sentisse motivado a reivindicar uma identidade que não se limita a suas relações sexuais, muito menos aos tipos de cuidados preventivos performados em tais relações.

Recuperando algumas discussões iniciais a partir de Foucault (2017), o que vemos na matéria é a construção de um saber pautado por uma essência cientificista apoiada em percentuais e termos médicos, que reverbera no mundo social com alto potencial de angariar legitimidade devido, também, a uma competência comunicativa (MARTÍN-BARBERO, 2001) prévia intrínseca ao veículo. De acordo com a manchete na capa, visualizamos a construção de um discurso que enquadra a população gay como irresponsável, uma vez que caracteriza a camisinha como método preventivo maior. Desse modo, temos a construção de um saber-poder que se encontrou aos olhos e às mãos da população em bancas de revistas, livrarias, salas de espera de todo o país. Este saber-poder é construído a partir de códigos “fáceis” que circulam no senso comum, que “estabelecem relações para o signo com o universo mais amplo das ideologias em uma sociedade” (HALL, 2003, p. 396). Estas ideologias são construídas, também, através de um dispositivo da sexualidade que exerce produtividade tática e integração estratégica entre diferentes naturezas de poder e em diversos setores da sociedade. Acompanhando o pensamento de Foucault, considero que tais forças não se encontram simplesmente pairando sobre a sociedade, sendo articuladas naturalmente pelas figuras da Igreja e do Estado. Para o autor, estas instituições nem sequer “são” o poder. Para ele, o poder é uma “situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2017, p.101). Considero, portanto, a mídia e, no contexto deste estudo, a própria revista *Época*, como uma das dimensões deste poder que se firma em um dispositivo



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

da sexualidade historicamente instituído. No presente estudo, este dispositivo age de modo a submeter a parcela da população gay a um determinado julgamento de valor.

O estigma que o discurso moral sobre a chamada promiscuidade produz vincula-se, portanto, ao comportamento atribuído a essa população: um comportamento desregrado que não faria questão de utilizar do preservativo. A partir de tal leitura, com a PrEP este tipo de comportamento só iria aumentar, minando todo o enfrentamento à epidemia e tornando a pílula contraproducente (FERRARI, 2016, p.20).

No entanto, como vemos nos comentários, este dispositivo não é necessariamente todo-poderoso.

Em relação às produções de sentido que surgiram a partir da capa, avalio que a maioria das pessoas decodificaram o texto a partir de leituras contestatárias (HALL, 2003), ou seja, subverteram e questionaram o sentido da mensagem codificada pela revista. Este fenômeno demonstra o poder de agência manifestado por parte de uma parcela de pessoas interpelada pela (ou que foi de encontro à) postagem. De acordo com Martín-Barbero (2001, p. 303), “na leitura – como no consumo – não existe apenas reprodução, mas também produção, uma produção que questiona a centralidade atribuída ao texto-rei e à mensagem entendida como lugar da verdade que circularia na comunicação”. Esta produção de questionamentos se deu, como dito previamente, movida por dois aspectos centrais: incerteza em relação à credibilidade da atividade jornalísticas a partir de uma repulsa pelo o que estava sendo sugerido em relação à identidade gay.

No que tange à atividade jornalística, amparamos a discussão no que Martín-Barbero (2001) denomina de lógicas de produção. É o *modus operandi* das empresas de comunicação. Entre os aspectos que compõem esta lógica, coloco em evidência o da competência comunicativa e o das ideologias profissionais. A competência comunicativa está ancorada em um *status* adquirido ao longo do tempo, que pressupõe certo grau de legitimidade para firmar suas posições. As ideologias profissionais são “componentes e campo de tensão entre as exigências do sistema produtivo, as regras do gênero, as demandas sociais [...]” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 311). Esta dupla de dimensões explica a gravidade do teor do que fora enunciado na capa da revista. Afinal, sabemos que para pouco mais de 400 comentadores, a capa da revista é um ultraje. E para os outros milhões de brasileiros que se depararão com a capa desta revista? Por enquanto, não temos como responder. Mas de acordo com o posicionamento dos usuários no *Facebook*, há uma percepção intuitiva do funcionamento de uma lógica jornalística pautada por uma competência comunicativa bem estruturada em discursos agarrados



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

a determinada ideologia: uma ideologia que sugere que gays são sexualmente “excessivos” e inconsequentes. Esta noção desemboca em severas críticas às lógicas de produção do jornalismo, ou ao *ethos* jornalístico, corroborando para a fragmentação da credibilidade da profissão. Esta crítica por parte dos comentaristas surge a partir de um discurso sobre a sexualidade que inaugura uma arena política articuladora de discursos sobre o sexo e sobre os corpos. A partir deste lugar, surge uma coletividade que busca fortalecer os laços entre seus membros ao mesmo tempo em que defende a identidade de uma comunidade gay legítima e coerente. Por esta via, os contestadores da capa da revista *Época* percebem que o que está em jogo na manchete e na matéria é algo que vai para além de um cuidado da própria saúde. Esta análise encontra ressonância em Ferrari (2016, p. 13, 14), ao afirmar que “[...] é importante considerar que diferentes projetos políticos e visões de mundo estão em jogo. [...] Sua eficácia muitas vezes não se encontra em questão: é uma tecnologia no singular, universal e abstrata, emergente como algo ‘global’ em determinadas narrativas”.

Considerações finais

Ao avaliarmos o que é sugerido pela capa da revista *Época* e o que emergiu dos comentários, podemos considerar que um contra-discurso coerente se construiu a partir dos comentaristas. Estes sujeitos, atentos ao papel da mídia e, especificamente, do jornalismo enquanto importante elemento que serve para informar a sociedade, colocaram em palavras o que observaram: a degradação da função social de um veículo de comunicação em nome de um posicionamento ideológico. Ideologia esta que marginaliza, estigmatiza e reforça na “identidade gay” a dimensão de um suposto comportamento animalesco, libertino e negligente. Portanto, a notícia de um novo medicamento surge como veículo para narrar uma sexualidade enquanto sendo “a Outra”.

Através dos comentários, um espaço de resistência e contestação emergiu. De um lado, a capa da *Época* e, logo abaixo, mais de 400 comentários criticando o teor da manchete. Portanto, em suma, o que se estabeleceu foi um espaço no qual uma verdade estava sendo disputada. Aqui, encerro a discussão tecendo o seguinte questionamento: em tempos nos quais os discursos midiáticos ampliam o alcance de visibilidade midiática na esfera *online*, quais verdades estão sendo produzidas, e quais estão sendo contestadas? Com base em que e a partir de quais interesses? O que exploramos com o objeto apresentado é um recorte, um fragmento para podermos pensar acerca do que é considerado legitimador, hoje, nas lógicas midiáticas hegemônicas – o discurso biologizante, pautado por



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

percentuais e posicionamentos reducionistas. Frente a eles, o que nos resta, por enquanto, é confrontar. A partir dos espaços que a própria estrutura da mídia nos dá, temos capacidade de articular e organizar vozes combativas, rejeitando discursos que se pautam em princípios ontológicos, não-históricos e simplistas sobre as identidades contemporâneas. Somos muito mais complexos do que uma relação de causa e efeito.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS. **Circulação**. 2014.. Disponível em: <http://www.aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao>. Acessado em: 12 abr. 2018

CRT DST/AIDS SP. Nota conjunta sobre a reportagem da revista Época sobre PrEP. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/crt-dstaids-sp-centro-de-refer%C3%A2ncia-e-treinamento-dstaids-sp/nota-conjunta-sobre-a-reportagem-da-revista-%C3%A9poca-sobre-prep/1625077424212219/>. Acessado em: 12 abr. 2018.

ÉPOCA. **O novo azulzinho**. 2018. Ed.1031.

FERRARI, Felipe Cavalcanti. A emergência da profilaxia pré-exposição (prep): uma narrativa sobre diferentes engajamentos com a produção do saber científico na prevenção ao HIV. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003

HERRING, Susan C. Computer-mediated discourse. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers. 2000. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>. Acessado em: 12 abr. 2018

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **PrEP está disponível em 36 serviços do SUS a partir deste mês**. 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/prep-esta-disponivel-em-36-servicos-do-sus-partir-destes-mes>. Acessado em: 12 abr. 2018.

PrEP BRASIL. **Homepage**. 2018. Disponível em: <http://prepbrasil.com.br/>. Acessado em: 12 abr. 2018.

WHO. **Consolidated guidelines on HIV prevention, diagnosis, treatment and care for key populations**. 2014. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/128048/9789241507431_eng.pdf;jsessionid=30F72784FBBD C008EB21790A062F590F?sequence=1. Acessado em: 12 abr. 2018.